ISSN 2527-2675 https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2025.v28i2.2355

REBRAM
REVISTA BRASILEIRA MULTIDISCIPLINAR

Territórios do skate: um estudo de revisão sobre o lazer das juventudes

Victor Hugo Nedel Oliveira*; Júlia Miglioretto*; Nicole Marceli Nunes Cardoso*;e Daniel Giordani Vasques*.

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Brasil.

Autor para correspondência e-mail: *victor.juventudes@gmail.com*

Palavras-chave
Juventudes
Skate
Lazer
Território
Espaço Urbano

Resumo: O estudo aborda as práticas de lazer das juventudes skatistas e sua relação com a ocupação dos espaços urbanos. O objetivo do artigo é realizar uma revisão dos estudos que investigam o skate como prática corporal e sua interação com o território. A metodologia envolveu a análise de 26 estudos, sendo 18 artigos, 06 dissertações e 02 teses, categorizando os termos mais recorrentes nas conclusões desses trabalhos. Os resultados destacam três categorias principais: os sujeitos skatistas, o contexto espacial de suas práticas e o skate como uma atividade que vai além do esporte. Observou-se que os skatistas reconfiguram os espaços urbanos, transformando-os em territórios de lazer e sociabilidade. Além disso, os estudos indicam que as políticas públicas voltadas ao lazer urbano ainda são limitadas e merecem maior atenção. O artigo conclui que as juventudes skatistas desafiam a ordem urbana ao reinterpretar o espaço público, trazendo importantes reflexões sobre território, identidade e lazer.

Keywords
Youth
Skateboarding
Leisure
Territory
Urban Space

Skate territories: a review study on youth leisure
Abstract: The study addresses the leisure practices of youth skateboarders and their relationship with the occupation of urban spaces. The article's objective is to conduct a review of studies investigating skateboarding as a physical practice and its interaction with territory. The methodology involved the analysis of 26 studies, including 18 articles, 6 dissertations, and 2 theses, categorizing the most recurrent terms in the conclusions of these works. The results highlight three main categories: the skateboarders themselves, the spatial context of their practices, and skateboarding as an activity that goes beyond sport. It was observed that skateboarders reconfigure urban spaces, transforming them into territories of leisure and sociability. Additionally, the studies indicate that public policies aimed at urban leisure are still limited and deserve greater attention. The article concludes that youth skateboarders challenge urban order by reinterpreting public space, bringing important reflections on territory, identity, and leisure.

Recebido em: 08/2024
Aprovação final em: 10/2024

Introdução

No Brasil, as primeiras praças de esporte, recreação e lazer surgiram nas décadas de 1920 e 1930 (MAYER; STAREPRAVO; SILVA, 2010). O lazer é um fenômeno social moderno com caráter multidisciplinar e entendido de diferentes formas. Entre as formas pelas quais o lazer é compreendido, apresenta-se como espaço de descanso, divertimento e produção (DUMAZEDIER, 1973), como espaço para compensar o mal-estar civilizatório na forma de liberação de tensões e de busca de excitação (ELIAS; DUNNING, 2019), como mercadoria/alienação que reforça valores da sociedade capitalista e possível espaço de resistência e de emancipação dos indivíduos (MASCARENHAS, 2005), bem como um pedaço, um espaço de passagem da vida entre o privado e o público, onde se desenvolvem redes de sociabilidade (Magnani, 2024). Um dos campos de pesquisa dos estudos do lazer são as práticas de lazer juvenis em espaços urbanos, como por exemplo, jovens skatistas que ocupam pistas, praças e ruas da cidade.

Em relação ao campo de pesquisa das juventudes, se faz necessário o entendimento da sua pluralidade, afinal não há um único modo de ser e estar jovem (DAYRELL, 2002). A sociedade observa as e os jovens de algumas maneiras, como, por exemplo, ver a juventude como uma condição de transitoriedade, pautada somente como sendo um sujeito anterior à vida adulta, um "vir a ser", negando o presente vivenciado pelos jovens (DAYRELL, 2002). Não podemos também partir de uma conceituação rígida, pois ser jovem é uma construção além da idade, constituído como um sujeito social que atravessa diversas situações (ABRAMO, 1997) como condições de classe, gênero, etnia e de localidade. Margulis e Urresti (1996) propõem a noção de moratória social, destacando que a juventude não é vivida de maneira homogênea. Enquanto jovens de classes economicamente estáveis podem usufruir desse período como tempo de experimentação, para aqueles das classes populares, a ausência de condições materiais adequadas transforma esse tempo livre em fonte de frustração e exclusão, em vez de ser um espaço de possibilidades.

O skate é visto como uma prática corporal de deslizamento e risco (LE BRETON, 2007). Para esse autor, os corpos são entendidos para além da sua constituição biológica, já que conferem significados diversos em determinadas culturas, espaços e épocas. O gosto pelo extremo, pelo risco, desenha uma constelação de novas práticas que visam expor fisicamente o corpo com grandes esforços e até mesmo perigo, como o skate. Essas práticas surgem, de forma mais sistematizada, a partir dos anos 1980 e nascem da profusão dos sentidos que o mundo contemporâneo sufoca, apostando na procura de sensações, em oposição à relação durável e desgastante com o mundo. Nesse entendimento, a sociedade contemporânea, individualizada e cada vez mais deslocada do coletivo, faz o indivíduo buscar respostas individuais aos problemas sociais. Sem uma orientação do sistema para o motivo da existência dos corpos, resta interrogar a morte para saber se viver ainda tem sentido.

O skate, de forma análoga ao Hip Hop e ao grafite, faz parte de certa cultura urbana que, por vezes, é associada a uma forma de resistência ao desafiar as normas sociais e reivindicar espaços urbanos, como estrita forma de territorialização da cidade (HAESBAERT, 2004). Nessa lógica, a prática do skate pode ser entendida de forma distinta ao conceito tradicional de esporte (BROHM, 1982), pois é também uma forma de resistência, expressão e transformação social. Ocupam os espaços urbanos, ainda que não sejam "seus", transformando as ruas em suas expressões artísticas cotidianas. O skate "de rua" é, assim, visto de forma diferente do skate "de competição" (MACHADO, 2021), pois é considerado uma modalidade agressiva; seus praticantes são, por vezes, acusados de "destruírem a cidade", atropelar pedestres e não cuidarem do espaço coletivo público. O poder público, por vezes, com o intuito de converter os praticantes em atletas e incentivarem o uso dos espaços específicos ao skate e abandonarem a cidade, cria pelas cidades espaços como pistas ou simulações de equipamentos como rampas e escadas (BRANDÃO, 2014).

Ao longo dos anos 2000, pesquisadores como Brandão (2007) notaram o crescimento da prática do skate no Brasil, impulsionado por estratégias de comercialização e lucro. O skate passou de uma atividade de rua para um espetáculo, culminando em sua inclusão como modalidade olímpica em 2016. Esse reconhecimento aumentou sua popularidade na mídia, destacando não apenas seu aspecto

cultural de rua, mas também seu perfil esportivo. Grandes corporações organizam campeonatos internacionais que mantêm os skatistas ativos por meio de patrocínios, transformando o skate em um esporte competitivo e lucrativo. Apesar do aumento no número de parques especializados, especialmente em grandes cidades, a maioria dos skatistas ainda prefere utilizar as ruas urbanas. Os estudos sobre skate têm explorado diversos aspectos ao longo do tempo, incluindo sua profissionalização, a esportivização e seu impacto como prática de intervenção urbana.

Ao buscar estudos sobre juventudes, lazer e skate, encontramos várias produções acadêmicas que utilizaram etnografias para compreender esses grupos (GOMES, 2014; MACHADO, 2019). Além disso, esses estudos frequentemente exploram a relação com o ambiente urbano ou território (LIMA, 2020; MACHADO, 2021). No entanto, não foram identificados estudos de revisão abordando essas temáticas de maneira integrada. Morosini e Fernandes (2014) destacam a importância dos estudos de revisão para mapear a produção acadêmica existente, organizar as referências e apontar novas direções de pesquisa até então não exploradas. Dessa forma, a análise dos artigos, teses de Doutorado e dissertações de Mestrado proporciona uma visão abrangente e panorâmica, com um recorte temporal específico, além de estruturar a pesquisa de maneira mais coerente.

Com base nesses elementos, o estudo visa responder à seguinte pergunta: o que revelam os estudos sobre skate, juventudes e lazer? O objetivo é construir e analisar o estado de conhecimento produzido a partir de artigos científicos, dissertações e teses sobre os espaços de lazer ocupados pela juventude skatista.

Metodologia

Esta investigação caracteriza-se com uma abordagem de cunho quantitativo-qualitativo (GIL, 2007), uma vez que os dados puderam ser quantificados e em múltiplos textos, sendo construída análise das informações coletadas. Em relação aos objetivos, trata-se de um estudo descritivo de caráter exploratório, visto que intencionamos gerar maior familiaridade acerca das discussões sobre juventudes, territórios, lazer e skate.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa adotou uma abordagem bibliográfica, conforme descrito por Gil (2007), que consiste na análise de materiais já publicados, como artigos em periódicos, teses e dissertações. Neste contexto, o levantamento bibliográfico assumiu a forma de construção do estado do conhecimento, como proposto por Morosini e Fernandes (2014). Essa abordagem tem como objetivo principal verificar o progresso alcançado e as possíveis redundâncias na pesquisa sobre o tema, proporcionando uma visão abrangente e crítica do campo de estudo.

O corpus acadêmico que visa construir um estado da arte sobre espaços de lazer da juventude skatista a partir de trabalhos acadêmicos publicados foi composto por artigos científicos brasileiros publicados nas plataformas Scielo e Google Acadêmico; e teses e dissertações, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O recorte temporal constitui-se no intervalo de 2013 a 2022, a partir dos seguintes descritores: "Juventudes"; "Jovens"; "Lazer"; "Espaço Público (território)"; e "Skate". Após análise, por meio da leitura dos resumos, chegamos ao total de 26 estudos, sendo 18 artigos científicos, seis dissertações e duas teses. O Quadro 1, apresenta os estudos selecionados, bem como autoria, ano de publicação, as instituições de ensino das primeiras autoras e dos primeiros autores e o tipo de estudo.

Quadro 1 – Estudos selecionados para composição do *corpus.*

Título	Autoria, Ano	Instituição 1° autor/a	Tipo de estudo[1]
A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro	Honorato, 2013	Universidade Estadual de Londrina	A
Construção de sentidos sobre rodas: a prática do street skate no espaço urbano recifense	Prestes, 2013	Universidade Federal de Pernambuco	D
Lazer sobres rodas no cartão postal: Identidades e socialização no skatepark em Aracaju/SE	Aragão, 2013	Universidade Federal de Santa Catarina	D
Lazer sobre rodas no cartão postal: Tics/mídia e socialização de skatistas da orla de Atalaia em Aracaju/SE	Aragão; Pires, 2013	Rede Municipal de Graccho	A
O Skate como Prática Corporal e as Relações de Identidade na Cultura Juvenil	Velozo; Daolio, 2013	Universidade Estadual do Centro-Oeste	A
A apropriação do parque da juventude pelos skatistas	Gomes, 2014	Universidade Federal de Minas Gerais	D
Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática de skate	Olic, 2014	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	A
"Cabelo ao vento, gente jovem reunida" Um diálogo entre o lazer e as juventudes na cidade de Fortaleza-CE	Andrade; Pachêco, 2016	Universidade Estadual do Ceará	A
Jovens praticantes de skate e seu cotidiano	Rampazzo; Stigger, 2016	Universidade Federal Rio Grande do Sul	A
Skate Sociabilidade e Consumos no Lazer: A percepção do lícito e ilícito	Freitas *et al.,* 2016	Universidade Federal Espírito Santo	A
A cidade dos Picos: a prática do skate e os desafios da citadinidade	Machado, 2017	Universidade de São Paulo	T
A relação com skatismo e seus saberes	Pereira; Pinto, 2017	Universidade Federal Santa Catarina	A
Entre os espaços e a cidade: a insurgência do skate na experiência urbana contemporânea	Bões, 2017	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	T
Juventude, imagem e cidade: experiências de pesquisa etnográfica com jovens urbanos em Porto Alegre	Gomez; Abalos Junior; Rocha, 2017	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	A
O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas	Lima, 2017	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	D
Olhares Suspensos: Desenho partilhado com jovens skatistas e seus percursos errantes em Fortaleza	Saraiva, 2017	Universidade Federal do Ceará	D
Skatistas "correndo pelo certo": normalização e produção de subjetividades na contemporaneidade	Teixeira; Silva, 2017	Universidade Federal do Rio Grande	A
Lazer juvenil e consumo de drogas na cultura do skate	Freitas; Machado; Romera, 2018	Universidade Federal do Espírito Santo	A
Skate na veia: skatistas em Boa Vista representação e identidade (1889 a 2001)	Melo, 2018	Universidade Federal de Roraima	D
Mão na massa e skate no pé: práticas citadinas nas novas centralidades paulistanas	Machado, 2019	Universidade Estadual de Montes Claros	A
Ressignificações da juventude skatista e do espaço urbano	Feliciano, 2020	Universidade do Estado de Minas Gerais	A
Território, identidade e sociabilidade: skate e hip-hop em Três Lagoas/MS	Lima, 2020	Universidade Federal da Grande Dourados	A
A rua é nossa: aprender em movimento para jovens skatistas no litoral do Piauí	Silva; Adad, 2021	Universidade Federal do Piauí	A
"Fora Haole" e "no bike": notas etnográficas de uma pista pública de skate no ano de 2020	Ribeiro; Rojo; Pereira, 2021	Universidade Santa Úrsula	A
Ocupação e ressignificação do espaço público: inclusão do skate no jogo das cidades	Simão, 2021	Universidade de São Paulo	A
Os enquadramentos da citadinidade:sobre os impactos da prática do skate de rua na cidade de São Paulo	Machado, 2021	Universidade Estadual de Montes Claros	A

Fonte: Banco de dados da pesquisa (2023).

[1] Legenda: A: Artigo; D: Dissertação; T: Tese.

A análise dos dados foi realizada em duas etapas, primeiro foi feita uma análise quantitativa descritiva sobre os dados dos estudos, referente 1) aos tipos de estudos selecionados e acerca das revistas e dos Programas de Pós-Graduação (PPG) e seus conceitos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (no caso de teses e dissertações) e Qualis da revista (no caso de artigo científico); 2) sobre a autoria, como por exemplo, gênero, titulação máxima do/da primeiro/a autor/a, instituição de ensino ao qual estavam vinculados na época de publicação do estudo e demais autores/as e orientadores/as; 3) sobre os processos metodológicos dos estudos, tipo de pesquisa, instrumentos selecionados, sujeitos que participaram do estudo e espaço em que ocorreu, a respectiva região do Brasil em que se localizam estes espaços; 4) sobre os objetivos dos estudos e palavras-chaves. Isso foi feito para permitir uma avaliação inicial quantitativa dos trabalhos encontrados e escolhidos para compor o conjunto de dados da pesquisa. Além de listar e contar esses elementos, nesta etapa analítica foi possível examinar questões e problematizações.

Em seguida, realizou-se uma análise qualitativa a partir da construção de categorias analíticas a partir do recorte das conclusões dos estudos de maneira a analisar se os estudos respondiam a seus objetivos. Com isso, agrupamos essas conclusões dentro da ferramenta "*Voyant-tools*" que gerou uma nuvem de palavras que auxiliou na construção das categorias analíticas, que são elas: sujeitos/ praticantes; espaço/contexto; e skate/prática.

Resultados e Discussão

Nesta seção, apresentaremos os resultados encontrados a partir da análise dos 26 estudos, assim como a sua discussão. A análise divide-se em duas etapas: na primeira parte, serão descritas as análises quantitativas referentes aos tipos de estudos, em seguida, sobre a autoria — considerando somente os/as primeiros/as autores/as, a partir de uma análise de gênero, instituição de ensino a que eram vinculados no momento de publicação do estudo e respectiva região do Brasil em que se localizam. Posteriormente, será feita uma análise sobre os desenhos metodológicos, bem como sobre os objetivos dos estudos. Na segunda etapa, encontram-se as discussões das categorias analíticas criadas a partir das conclusões dos estudos.

Análise Quantitativa descritiva

Apresentação dos estudos

Dos 26 estudos selecionados, 18 são artigos científicos, seis são dissertações de mestrado e dois são teses de doutorado. Os 18 artigos foram publicados de 2013 a 2021, com um número equilibrado de publicações por ano - apesar de em 2015 não haver publicação. As teses e dissertações foram publicadas de 2013 a 2018, sendo que 2017 foi o ano com mais estudos, quatro. Ainda, em 2015 e 2016 não se encontrou teses ou dissertações publicadas.

O corpus documental é proveniente de diferentes revistas científicas que tratam de temas pertinentes sobre as discussões de juventudes, territórios e lazer, assim como os Programas de Pós-Graduação em que foram desenvolvidas teses e dissertações. Em seguida, segue a apresentação das revistas dos artigos selecionados, assim como suas respectivas classificações no sistema WebQualis, as quais encontram-se de B4 a A1.

Em relação às revistas dos artigos científicos selecionados para esta revisão, encontrou-se cinco revistas da área de estudos antropológicos: Revista Campos (B2), Iluminuras (A2), Em Sociedade (sem qualis), Anuário Antropológico (A2) e Revista de Antropologia (A1); quatro revistas da área da Educação Física/Estudos do Lazer: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1), Licere (B2), Motrivivência (B2) e Movimento (B1); três revistas da área da educação: Revista Iberoamericana de Educación (B4), Tempos e Espaços em Educação (A3) e Cadernos do Aplicação (B2); duas revistas em estudos urbanos: Revista Políticas Públicas & Cidades (A3) e Rua (A3); uma revista da área da Geografia: Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas (A3); e uma revista do campo do Direito: Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito (A3). Ainda, é possível analisar que apenas uma dessas revistas tem mais de uma publicação (três),

que se trata da revista Licere, do campo do Lazer. Assim, podemos verificar que há uma diversidade de áreas que podem ser encontrados estudos com objetivo de analisar as juventudes, territórios e práticas de lazer.

O corpus documental também é composto por teses de Doutorado e dissertações de Mestrados, divulgados por Programas de Pós-Graduação (PPGs) nas Universidades do Brasil, os quais são avaliados e classificados (de 3 a 7) de acordo com o conceito Capes. Entre os oito PPGs, dois encontram-se em Universidades privadas: o PPG em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (conceito Capes 4) e o PPG em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (conceito Capes 5); enquanto outros seis estão em Universidades públicas: PPG em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (conceito Capes 5), PPG em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (conceito Capes 5), PPG em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (conceito Capes 5), PPG em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (conceito Capes 6), PPG em Artes da Universidade Federal do Ceará (conceito Capes 3) e PPG em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima (conceito Capes 3).

Apresentação da autoria dos estudos

Esta categoria é pensada com a finalidade de conhecermos melhor a autoria dos estudos selecionados. Apesar de totalizarem 43 autores, analisou-se apenas os primeiros autores ou autoras dos estudos, somando 22 pesquisadores/as, já que o pesquisador Giancarlo Marques Carraro Machado teve três estudos selecionados (MACHADO, 2017; MACHADO, 2019; MACHADO, 2021) e as pesquisadoras Paula Aragão e Heloisa Heringer Freitas tiveram dois estudos selecionados cada (ARAGÃO, 2013; ARAGÃO; PIRES, 2013; FREITAS *et al.,* 2016; FREITAS; MACHADO; ROMERA, 2018). A seguir, organizamos a análise em dois subtópicos: 1) sobre gênero e; 2) sobre as instituições de ensino e região do Brasil.

Sobre gênero

Esta análise foi feita a partir da dedução de gênero pelo primeiro nome e por informações obtidas na Plataforma Lattes, por meio da observação do emprego de pronomes pessoais, o que não nos isenta de possíveis equívocos. Apesar de não termos a intenção de reduzir as identidades de gênero ou contribuir para a binariedade, foi possível identificar 11 sujeitos do gênero masculino e cinco do gênero feminino ao olharmos para artigos. Os dados são equiparados na autoria das dissertações, onde encontramos três autores e três autoras, mas volta a revelar desigualdades nas teses, as quais são escritas por dois autores.

Estes dados revelam a desigualdade de gênero presente na produção científica sobre o tema, dentro do período delimitado. Uma busca rápida no Painel de Bolsas de Produtividade no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 2024) revela a disparidade no auxílio financeiro para pesquisadores: no ano de 2023, a distribuição foi de 59,98% para o gênero masculino, restando 40,02% para o gênero feminino. Apesar de uma leve redução nestes percentuais ao analisarmos a distribuição de dez anos atrás (62,3% masculino e 37,7% feminino), esses números refletem as disparidades ao fazer ciência. A diferença é ainda maior se levássemos em conta outros marcadores sociais como raça e etnia.

Para as mulheres, são atribuídos os trabalhos de cuidado, como cuidar dos filhos, da casa, do marido, dos pais, como afirmam Rodriguez e Vasques (2022, p. 7): "o trabalho de cuidado é socialmente direcionado para as mulheres". Algumas instituições têm questionado o que resta para as mulheres e mães pesquisadoras, entendendo o trabalho de sobrecarga e as dificuldades impostas para dedicar-se unicamente à pesquisa, evidenciado pela diferença de produções.

É preciso também levar em consideração o tema estudado - lazer, juventudes e skate. Apesar de, inicialmente, o skate ter surgido através de inspirações advindas do patins e, até os anos 1970, ter sido praticado majoritariamente por mulheres, há uma inversão de cenário desde os anos 1980, sendo esta prática corporal associada principalmente aos homens - apesar de movimentos recentes de tensionamento dessa predominância -, o que pode ter guiado os interesses de

pesquisa e, possivelmente, explicar a autoria predominantemente masculina. Entretanto, esses apontamentos também merecem uma reflexão, afinal, quem tem acesso a momentos de lazer? Socialmente, é permitido às mulheres ocuparem este espaço que, muitas vezes, é associado a perigo e instabilidade? Consideramos que estes questionamentos merecem reflexão e espaço nas discussões sobre ciência, afinal, é preciso saber quem a produz. Em seguida, analisaremos onde estas pesquisas foram construídas.

Sobre as instituições de ensino e região do Brasil

Nesta categoria, os dados se referem ao primeiro autor ou autora do texto, e as instituições de ensino à qual pertenciam na época de publicação da pesquisa, bem como a região do país em que as instituições se localizam.

No que se refere às instituições, a totalidade de autores e autoras estava vinculada a Instituições de Ensino Superior (IES), sendo que apenas uma autora tinha dois vínculos: um com uma instituição de ensino básico (ARAGÃO; PIRES, 2013) e outro com uma IES (ARAGÃO, 2013). Dos 22 autores e autoras das IES, 19 são vinculados/as a instituições públicas[2], enquanto os outros três são de instituições privadas[3].

Esse dado vai ao encontro com a análise feita pelo *Web of Science Group* (2019) para a Capes, a partir de artigos brasileiros publicados entre 2013 e 2018, a qual revela que as universidades públicas são as principais fontes de publicação de pesquisa no Brasil, sendo que as 15 universidades mais ativas são responsáveis por mais de 60% da produção total de pesquisa no país. Liderando o ranking, encontra-se a Universidade de São Paulo (USP), que produz mais do que o dobro do número total de publicações da Universidade Estadual Paulista (UNESP), segunda mais produtiva. Entre as 15 universidades públicas analisadas, nove pertencem à região Sudeste, quatro à Sul, uma à Centro-Oeste e uma à Nordeste, uma tendência observada também neste estudo, que revela a predominância do tema estudado nas regiões sudeste e sul do Brasil.

Dos 22 pesquisadores e pesquisadoras, sete estavam vinculados a instituições de ensino localizadas na região Sudeste[4], sete na região Sul[5], cinco no Nordeste[6], três no Centro Oeste[7] e um na região Norte[8] do País. Após conhecermos melhor quem produziu os estudos, na categoria a seguir analisaremos como as pesquisas foram construídas.

Desenhos metodológico dos estudos

Esta categoria apresenta a análise realizada acerca dos desenhos metodológicos dos estudos selecionados, especificamente em relação à abordagem e aos instrumentos de produção de dados utilizados, retratada a seguir no Quadro 2.

[2] Honorato, 2013; Prestes, 2013; Aragão, 2013; Velozo; Daolio, 2013; Gomes, 2014; Olic, 2014; Andrade; Pachêco, 2016; Rampazzo; Stigger, 2016; Freitas *et al.*, 2016; Machado, 2017; Pereira; Pinto, 2017; Gomez, Abalos Junior; Rocha, 2017; Saraiva, 2017; Teixeira; Silva, 2017; Freitas; Machado; Romera, 2018; Melo, 2018; Machado, 2019; Feliciano, 2020; Lima, 2020; Silva; Adad, 2021; Simão, 2021; Machado, 2021.
[3] Bões, 2017; Lima, 2017; Ribeiro; Rojo; Pereira, 2021
[4] Gomes, 2014; Olic, 2014; Freitas *et al.*, 2016; Machado, 2017; Freitas; Machado; Romera, 2018; Machado, 2019; Feliciano, 2020; Ribeiro; Rojo; Pereira, 2021; Simão, 2021; Machado, 2021.
[5]Honorato, 2013; Aragão, 2013; Rampazzo; Stigger, 2016; Pereira; Pinto, 2017; Bões, 2017; Gomez; Abalos Junior; Rocha, 2017; Teixeira; Silva, 2017
[6]Prestes, 2013; Aração; Pires, 2013; Andrade; Pachêco, 2016; Saraiva, 2017; Silva; Adad, 2021
[7]Velozo; Daolio, 2013; Lima, 2017; Lima, 2020.
[8] Melo, 2018.

Quadro 2 – Desenhos metodológicos.

Quanto à abordagem		
	n	%
Qualitativa	26	100
Quanto aos instrumentos de produção de dados		
	n	%
Entrevista	19	73,07
Etnografia (em suas múltiplas formas)	9	34,61
Observação (múltiplas formas)	8	30,76
Diários de campo (múltiplas formas)	7	26,92
Outras formas de entrevistas (relatos; diálogo; história oral)	7	26,92
Pesquisa bibliográfica (em geral)	4	15,38
Visual (cartografia social, fotografia e desenhos)	3	11,53
Estudo de caso	1	3,84

Fonte: Banco de dados da pesquisa (2023).

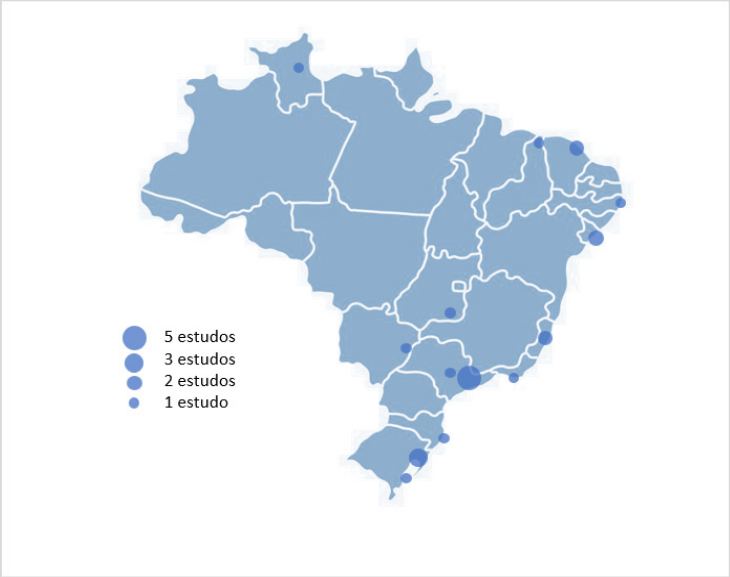
A partir deste quadro, é possível perceber que todos os estudos adotaram abordagem qualitativa, o que nos indica o interesse em analisar, descrever ou interpretar dados não quantificáveis da juventude skatista em seus diferentes espaços de lazer. Ao analisar os instrumentos e procedimentos para produção de dados, nota-se que 19 (73,07%) utilizaram entrevistas como estratégia de pesquisa e, outros sete (34,61%) contaram com alguma outra forma de entrevista que valoriza as narrativas dos e das participantes, como relatos, diálogos e história oral. Em seguida, nove (34,61%) construíram suas pesquisas a partir de um olhar antropológico, ou seja, pela etnografia. Oito (30,76%) utilizaram observação como ferramenta de produção de dados, sendo consideradas nesta categoria observação participante, não participante, sistemática e direta. Já o diário de campo, foi instrumento utilizado em sete (34,61%) diferentes estudos, incluindo aqui também diário de rua e caderno de campo. Na sequência, quatro autores (15,38%) adotaram a análise da literatura (pesquisa bibliográfica, análise de periódico e análise documental) já publicada como fonte de produção de dados e outros três (11,53%) apostaram em métodos que valorizam o visual como fonte de dados (cartografia social, fotografia e desenhos) e, por último, uma pesquisa se identificou como estudo de caso (3,84%).

A somatória do percentual dos instrumentos para produção de dados ultrapassa 100%, o que revela que a maioria dos estudos empregou mais de um método na elaboração da pesquisa. Destaca-se, ainda, a entrevista como principal estratégia adotada e, quando somada aos relatos de participantes, diálogos e história oral, totaliza 100%, demonstrando a importância dada pelas autorias a escutar narrativas da juventude skatista e levar a sério as suas reivindicações. No tópico a seguir, analisaremos onde os estudos foram produzidos.

Locais de pesquisa

A partir da Figura 1, demarcada pelos Estados brasileiros, apresentamos os locais em que as pesquisas foram realizadas.

Figura 1 - Localizações das pesquisas.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2023).

Dos 26 estudos, três não estão representados no mapa, pois um deles foi realizado em Lisboa, Portugal (VELOZO; DAÓLIO, 2013) e outros dois são pesquisas bibliográficas (OLIC, 2014; FELICIANO, 2020). A partir do mapa, podemos notar que as intervenções ocorreram, em sua maioria, em regiões litorâneas e em capitais, locais em que população brasileira está concentrada. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2021; IBGE, 2022), 17 municípios no Brasil têm mais de um milhão de habitantes, sendo 14 capitais, concentrando 21,9% da população. Além disso, mais de metade da população (54,8%) vive em locais até 150 km do litoral, onde estão localizadas 16 das 27 capitais brasileiras.

Liderando o local em que as pesquisas foram realizadas, encontra-se São Paulo (SP) e região metropolitana, com o total de cinco estudos. O município é o mais populoso do Brasil e é onde encontram-se as universidades públicas que mais produzem pesquisa no país, segundo relatório do *Web of Science Group* (2019). Em seguida, está a capital gaúcha Porto Alegre (RS) e região metropolitana, onde foram realizados três estudos e onde encontra-se a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a quinta colocada no ranking de instituições brasileiras que mais produzem pesquisa. As capitais Fortaleza (CE) e Aracaju (SE), e o litoral capixaba (ES) foram locais de dois estudos cada. Além disso, as seguintes localidades tiveram um estudo cada: as capitais Florianópolis (SC) e Boa Vista (RO), e a região metropolitana de Recife (PE); as regiões litorâneas de Niterói (RJ), Luís Correia (PI) e Rio Grande (RS); e cidades do interior como Piracicaba (SP), Caldas Novas (GO) e Três Lagoas (MS).

Estes dados apontam para desigualdades regionais na produção científica brasileira. Entendemos que, neste caso, é possível que as pesquisas tenham ocorrido em localidades em que a prática do skate é mais comum, mas possivelmente também onde os pesquisadores e centros de pesquisa estão localizados, especialmente nas regiões Sudeste e Sul do país, que juntas, concentram 14 estudos.

Categorias analiticas

O Quadro 5, a seguir, apresenta as três categorias construídas a partir da análise dos estudos selecionados. Especificamente, observamos as conclusões dos 26 estudos que fazem parte desse *corpus*, selecionando trechos que respondessem aos objetivos de cada pesquisa. A partir disso, realizou-se um processo de quantificação e de categorização. Com isso, foram criadas três

categorias: sujeitos/praticantes; espaço/contexto; e prática/skate.

Quadro 5 - Categorias analíticas dos artigos selecionados.

CATEGORIA	TERMOS	nº de citação
SKATISTAS sujeitos/praticantes	Skatistas	20
	Skatistas	9
	Praticantes	7
	Construção	7
	Jovens	6
	Grupos	6
	Sujeito	6
TERRITÓRIOS espaço/contexto	Espaço	19
	Cidade	16
	Espaços	6
	Formas	5
	Sociedade	4
	Urbanos	3
	Urbano	3
	Lazer	3
	Pista	3
PRÁTICA CORPORAL prática/skate	Skate	24
	Esporte	7
	Prática	4

Fonte: Banco de dados da pesquisa (2023).

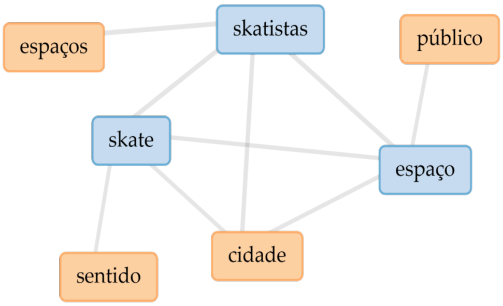
A categoria inicialmente denominada "Skatistas" se refere a certos perfis dos indivíduos que praticam skate. Nesta categoria, os termos mais frequentemente mencionados foram "skatistas" com 20 citações; "skatista" foi citado nove vezes; "praticantes" e "construção" com sete citações; "jovens", "grupos" e "sujeitos" foram citados seis vezes. Nesse contexto, é pertinente refletir sobre as identidades dos praticantes de skate. Note-se que a palavra "jovens" figura entre as mais citadas, assim como a palavra "grupos", as quais estão associadas aos praticantes de skate. Surge, portanto, a questão de que os praticantes de skate são associados comumente às juventudes. Além disso, o que os estudos consideram ser jovem? Quais são os grupos e como estes se identificam?

A segunda categoria, "Territórios", aborda questões sobre o espaço em que são realizadas as práticas de skatistas e dos espaços ocupados por estes. As palavras mais citadas nessa categoria foram: "espaços" com 19 citações; na sequência "cidade" tem 16 citações; "espaço" teve seis citações; a palavra "formas" foi cinco vezes citada; "sociedade" foi citada quatro vezes; e as demais foram citadas três vezes: "urbanos", "urbano", "lazer", "pista". Com isso, questiona-se que espaços são esses em que se realizam as práticas de skate. Qual é o contexto desses ambientes? De que formas se ocupam esses espaços? E a possível discussão que cabe aqui é a noção de território ocupado pelos praticantes, territórios urbanos, em contextos de lazer. Outra questão dialoga com as funções de uma pista de skate para a prática, bem como quais são as disputas em torno desses territórios.

A terceira categoria trata da "Prática Corporal" do skate. Aqui, foram citadas três palavras; a primeira foi "skate", com 24 citações; "esporte" com sete citações; e "prática", citada quatro vezes. Foi possível observar a relação do esporte com o skate, mas o que cabe aqui tensionar são as discussões acerca dos significados do skate para os praticantes, skate como um esporte, skate como lazer, skate como sociabilidade, ou como saúde. E discutir quais são os sentidos e representações que os sujeitos atribuem à prática do skate.

Na Figura 2, encontra-se a disposição das palavras principais que dão origem às categorias analíticas, e como essas categorias se relacionam entre si e com outros termos que as compõem.

Figura 2 – Esquema das relações entre as categorias.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2023).

Ao observar a figura em questão, é possível evocar conceitos relevantes que se relacionam com as categorias apresentadas. A palavra "skatista" está associada às palavras "espaços" e "cidade", bem como vinculada às outras duas categorias de "skate" como prática corporal e "espaço" como "território". Dessa forma, é possível abordar a noção de como os praticantes de skate ocupam as cidades e os espaços públicos. Mascarenhas (2005) ressalta a responsabilidade do Estado promover o direito ao lazer, entendido como um pressuposto de cidadania, bem como discute a necessidade de políticas públicas que incentivem a ocupação dos espaços públicos para atividades de lazer. A categoria de sujeitos skatistas como ocupantes de espaços públicos para a realização de uma prática corporal parece ser um importante tema para reflexão.

A palavra "espaço" está associada às outras duas categorias representadas pelas palavras "skatistas" e "skate", mas também está vinculada às palavras "público" e "cidade". Dessa forma, é possível questionar a noção de como esses espaços públicos são ocupados na cidade, bem como quem ocupa esses espaços e quais disputas existem em torno deles. Nesse contexto, cabe discutir a noção de território a partir de Haesbaert (2004), que enfatiza que o território não é estático, mas sim relacional, e está ligado ao movimento e às conexões, englobando dimensões biológicas, políticas, culturais-simbólicas e econômicas. O autor também destaca a ideia de "território usado" como uma forma de compreender as contínuas mudanças e transformações do território ao longo do tempo, ressaltando seu caráter dinâmico e móvel. Além disso, ele aborda conceitos como rede e multiterritorialidade, discorrendo sobre a rede como um elemento territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporal-móvel do território, e a multiterritorialidade como reterritorialização, acesso e conexão, e redes não-hierárquicas, e sua relação com a dinâmica territorial das corporações. Dessa forma, é possível discutir os sujeitos praticantes de skate como território e como ocupantes de um território considerado público na grande maioria dos espaços. Para Magnani (1998), quando um espaço específico ou parte dele é marcada como um ponto de referência para identificar um grupo específico de pessoas que estão conectadas por relações, essa área é chamada de "pedaço". Portanto, o lazer dos skatistas, que ocupam um determinado espaço e criam vínculos de sociabilidade entre si, pode ser considerado como um pedaço na vida desses sujeitos, um espaço de passagem entre o privado e o público.

Por último, a palavra "skate" como representante da categoria "prática corporal", está associada às outras duas categorias também, e a outras palavras como "sentido" e "cidade". Logo, pode-se questionar que sentidos são produzidos na prática do skate, e também, como a prática de skate ocupa a cidade e como ocupam os espaços públicos. Nesse sentido, a noção de lazer e sentidos dessa prática como lazer são referência nessa categoria. De acordo com Stigger (2009), a prática corporal de lazer produz diversos sentidos que vão além do entretenimento e do repouso. De acordo com o autor, as atividades de lazer inserem-se no contexto das práticas da "cultura vivenciada no tempo disponível", o que as tornam parte dos processos de socialização pelos quais os indivíduos passam ao longo de suas vidas sociais. Isso significa que as práticas de lazer contribuem para

a formação da identidade cultural, a transmissão de valores e normas sociais, e a construção de significados individuais e coletivos. Para Brandão (2008), os praticantes de skate trazem novos sentidos na prática do skate ao reinterpretar e redefinir os espaços urbanos. Ao imaginar e ler o espaço de forma diferente do habitual, os skatistas projetam sobre os elementos constitutivos da cidade outras funcionalidades que ultrapassam seus sentidos originais. Eles tomam a cidade como um local de interpretação, lendo de diversas formas e redefinindo ou redesenhando os sentidos originais voltados para esses espaços. A prática do skate, mais do que simplesmente transitar pela cidade, envolve a criação de territórios e a reinvenção do espaço urbano a partir da elaboração ou reelaboração dos valores adquiridos em suas experiências. Essa apropriação do espaço urbano pelos skatistas constitui-se em algo contrário ao pensamento ordenado da vida urbana, desafiando as normas e regras determinantes. Em suma, os praticantes de skate produzem novos sentidos ao transformar a cidade em um local de interpretação e ao redefinir o uso dos espaços urbanos de acordo com suas próprias experiências e valores.

Conclusão

A pesquisa desenvolvida ao longo deste estudo se insere em um campo de grande relevância para a compreensão das práticas culturais e corporais, especialmente no contexto urbano, como é o caso do skate. A partir da análise de 26 estudos, foi possível realizar uma abordagem sistemática que integrou metodologia de categorização e quantificação das ocorrências de termos, permitindo um panorama dos principais temas abordados nas pesquisas selecionadas. Metodologicamente, a construção das categorias analíticas—sujeitos/praticantes, espaço/contexto e prática/skate—se mostrou dinâmica para a compreensão dos fenômenos socioculturais associados à prática do skate, especialmente em territórios urbanos.

Em termos de resultados, o estudo revelou que a categoria "Sujeitos/Praticantes" destaca a centralidade dos skatistas como atores sociais que constroem suas identidades através da prática do skate. A frequência com que palavras como "jovens", "grupos" e "sujeitos" aparecem reforça a associação da prática do skate com as juventudes urbanas. Já a categoria "Territórios" expõe como o espaço urbano é apropriado pelos skatistas, ressaltando disputas e negociações que ocorrem nos ambientes de lazer e sociabilidade. O skate se torna, então, uma forma de interação com a cidade e de ocupação de espaços que, muitas vezes, são marginalizados ou subutilizados. Por fim, a categoria "Prática Corporal" coloca em evidência o skate não apenas como um esporte, mas também como uma forma de lazer, saúde e sociabilidade, revelando os múltiplos sentidos e significados que os praticantes atribuem à atividade.

No conjunto das análises, as temáticas mais recorrentes nas pesquisas foram as que envolvem o espaço público e a prática do skate como elemento de identidade para os praticantes. O estudo de como os skatistas se apropriam dos territórios e ressignificam o espaço urbano emerge como um ponto de destaque. Isso está fortemente conectado às discussões teóricas sobre território, lazer e cidadania, conforme abordado por autores como Haesbaert (2004).

Em contrapartida, notamos que ainda há lacunas de pesquisa sobre as interações entre skatistas e políticas públicas de lazer. No corpus analítico, poucos estudos abordam diretamente a relação entre Estado e práticas de lazer, especialmente no que tange à criação e manutenção de espaços adequados para a prática do skate. Além disso, faltam discussões aprofundadas sobre como essas práticas se diferenciam entre contextos culturais e urbanos diversos, o que poderia enriquecer a compreensão sobre a multiterritorialidade dos skatistas. Assim, futuros estudos podem aprofundar a relação entre políticas públicas e a ocupação dos espaços urbanos pelos praticantes de skate, explorando como o Estado pode promover o lazer como um direito essencial à cidadania. A criação de espaços adequados e a manutenção de áreas públicas destinadas ao lazer, como pistas de skate, são elementos categóricos que precisam ser analisados à luz de uma perspectiva inclusiva, que considere as necessidades dos skatistas.

Essas investigações poderiam abordar também os desafios enfrentados por esses grupos no acesso e na permanência em espaços urbanos que, muitas vezes, são alvo de disputas e regulações

excludentes. Além disso, a diversidade dos grupos que praticam skate, em termos de idade, gênero, etnia e classe social, é uma questão importante a ser discutida, pois revela as múltiplas formas de apropriação do espaço público e de resistência cultural. Essas práticas de resistência, ao reinterpretarem e transformarem os espaços da cidade, desafiam as normas urbanas tradicionais e criam novas formas de sociabilidade, lazer e identidade.

O skate, assim, não se limita a ser uma prática esportiva ou de lazer, mas se transforma em um veículo de expressão cultural, de reivindicação de direitos e de construção coletiva de espaços urbanos. Ao investigarmos como diferentes grupos de skatistas interagem com o espaço público, será possível compreender melhor as dinâmicas de exclusão e inclusão social, bem como as formas de luta por reconhecimento e pertencimento nesses territórios. As juventudes skatistas nos trazem muitas provocações, desafios e novas formas de pensar a cidade e os direitos ao lazer. Resta, agora, saber o que faremos com elas.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, 1997. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf Acesso em: 16 ago. 2024.

ANDRADE, F. R. B.; PACHÊCO, T. N. de P. "Cabelo ao Vento, Gente Jovem Reunida": Um Diálogo entre o Lazer e as Juventudes na Cidade de Fortaleza-CE. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 19, n. 4, p. 138–179, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1356 Acesso em: 16 ago. 2024.

ARAGÃO, P.; PIRES, G. De L. Lazer sobre Rodas no Cartão Postal: TICs/Mídia e Socialização de Skatistas da Orla de Atalaia em Aracaju/SE. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 4, ano 2013. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/672 Acesso em: 16 ago. 2024.

ARAGÃO, P. **Lazer sobre rodas no cartão postal**: Identidades e socialização no skatepark em Aracaju/SE. Orientador: Giovani de Lorenzi Pires. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: https://tede.ufsc.br/teses/PGEF0338-D.pdf Acesso em: 16 ago. 2024.

BOES, G. M. **Entre os espaços e a cidade**: a insurgência do skate na experiência urbana contemporânea. Orientador: Emil Albert Sobottka. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7347 Acesso em: 16 ago. 2024.

BRANDÃO, L. **Corpos deslizantes, corpos desviantes**: a prática do skate e suas representações no espaço urbano: (1972-1989). 2007. 143 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/164 Acesso em: 16 ago. 2024.

BRANDÃO, L. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 49, 2014. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17861 Acesso em: 16 ago. 2024.

BRASIL, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/08/populacao-brasileira-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-estima-ibge Acesso em: 16 ago. 2024.

BROHM, Jean-Marie. **Sociología política del deporte**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

CNPQ. Chamada de bolsas de produtividade. Disponível em: https://app.powerbicomview?r=eyJrIjoiNGJiZTU1ZmEtMmM0YS00NTI5LWIzNjgtODIzMTE4MGViN2VkIiwidCI6IjkyYzBjZmE5LTdlOTEtNGVhZC1hYzI5LWNkNDRhMjM4OWIwMSJ9 Acesso em: 16 ago. 2024.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, set. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?lang=pt# Acesso em: 16 ago. 2024.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Edições 70, 2019.

FELICIANO, L. A. Ressignificações da juventude skatista e do espaço urbano: Redefinitions of skateboarding youth and urban space. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2020. Disponível em: https://journalppc.com/RPPC/article/view/441. Acesso em: 16 ago. 2024.

FREITAS, H. H.; MACHADO, G. J.; ROMERA, L. A. Lazer juvenil e consumo de drogas na cultura do skate. **Revista do Departamento de Ciências Sociais – PUC Minas**, v. 1, n. 1, p. 62-75, 2018. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/emsociedade/article/view/18586/13723. Acesso em: 16 ago. 2024.

FREITAS, H. H.; CASSANI, A. C. M.; MACHADO, G. J.; ROMERA, L. A. Skate Sociabilidade e Consumos no Lazer: A Percepção do Lícito e Ilícito. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 19, n. 1, p. 85-107, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1196 Acesso em: 16 ago. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Allana Joyce Soares. **A apropriação do parque da juventude pelos skatistas.** Orientadora: Ana Claudia Porfirio Couto. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A7EGDZ Acesso em: 16 ago. 2024.

GÓMEZ, G. S.; ABALOS JUNIOR, J. L.; MENDES GONÇALVES DA ROCHA, M. C. Juventude, imagem e cidade: experiências de pesquisa etnográfica com jovens urbanos em Porto Alegre. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75750. Acesso em: 16 ago. 2024.

HAESBERT, R. **O mito da desterritorialização**: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HONORATO, T. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 35, n. 1, p. 95-112, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/be7065c0-f7a3-45ce-844b-96f74511a45e. Acesso em: 16 ago. 2024.

IBGE. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39525-censo-2022-informacoes-de-populacao-e-domicilios-por-setores-censitarios-

-auxiliam-gestao-publica Acesso em: 16 ago. 2024.

LE BRETON, D. **Sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, M. A. O. **O corpo sobre a perspectiva dos jovens skatistas**. Orientador: Cláudia Valente Cavalcante. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3838 Acesso em: 16 ago. 2024.

LIMA, M. G. Território, identidade e sociabilidade: skate e hip-hop em Três Lagoas/MS. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 31, p. 260-289, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/9853 Acesso em: 16 ago. 2024.

MACHADO, G. M. C. **A cidade dos Picos**: a prática do skate e os desafios da citadinidade. Orientador: José Guilherme Cantor Magnani. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-26032018-122700/en.php Acesso em: 16 ago. 2024.

MACHADO, G. M. C. Mão Na Massa E Skate No pé: Práticas Citadinas Nas Novas Centralidades Paulistanas. **Anuário Antropológico**, v. 44, n. 1, 2019. Disponível em: https://journals.openedition.org/aa/3523 Acesso em: 16 ago. 2024.

MACHADO, G. M. C. Os enquadramentos da citadinidade: sobre os impactos da prática do skate de rua na cidade de São Paulo. **Revista de Antropologia**, v. 64, n. 3, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/189652 Acesso em: 16 ago. 2024.

MAGNANI, J. G. C. Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica. **Curso de Extensão "Juventudes, Territórios e Lazer"**. GEPJUVE/GESOE/UFRGS. 26 mar. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p-riQft_ZuI&t=630s Acesso em: 16 ago. 2024.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**. In: ARIOVICH, L. *et al*. La juventude es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

MASCARENHAS, F. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Movimento**, v. 11, n. 3, p. 155-182, 2005. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2876 Acesso em: 16 ago. 2024.

MAYER, M.; STAREPRAVO, F. A.; SILVA, S. R. da. Atividades de lazer de acadêmicos de um curso de educação física e as políticas públicas de lazer na cidade de Guarapuava, PR. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 15, n. 149, 2010. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd149/atividades-de-lazer-de-academicos-de-educacao-fisica.htm#:~:text=Em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20aos%20espa%C3%A7os%20de,promovendo%20a%20recupera%C3%A7%C3%A3o%20causada%20pelo Acesso em: 16 ago. 2024.

MELO, J. I. dos S. **Skate na veia**: skatistas em Boa Vista representação e identidade (1889 a 2001). Orientador: Alfredo Ferreira de Souza. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Universidade Federal de Roraima, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufrr.br:8080/jspui/handle/prefix/239 Acesso em: 16 ago. 2024.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, 2014. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875 Acesso em: 16 ago. 2024.

OLIC, M. B. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. **Campos - Revista de Antropologia Social**, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2014. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208 Acesso em: 16 ago. 2024.

PINTO, F. M.; PEREIRA, J. G. de S. A relação com skatismo e seus saberes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 145–160, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/6456 Acesso em: 16 ago. 2024.

PRESTES, J. F. M. **Construção de sentidos sobre rodas**: a prática do street skate no espaço urbano recifense. Orientador: Bartolomeu Figueroa de Medeiros. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/2665 Acesso em: 16 ago. 2024.

RAMPAZZO, M.; STIGGER, M. P. Jovens praticantes de skate e seu cotidiano. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 207–221, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p207 Acesso em: 16 ago. 2024.

RIBEIRO, C. H. de V.; ROJO, J. R.; PEREIRA, E. G. "Fora haole" e "no bike": notas etnográficas de uma pista pública de Skate no ano de 2020. **RUA**, v. 27, n. 1, p. 131–148, 2021. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/capa/315-fora-haole-e-no-bike-notas-etnograficas-de-uma-pista-publica-de-skate-no-ano-de-2020 Acesso em: 16 ago. 2024.

RODRIGUEZ, A. C.; VASQUES, D. G. "Quem tá fazendo a função toda é só as mulheres": Yoga, lazer e cuidado em tempos de pandemia. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 30 v. 1, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.4000/pontourbe.12424. Acesso em: 16 ago. 2024.

SARAIVA, R. C. L. **Olhares Suspensos**: Desenho partilhado com jovens skatistas e seus percursos errantes em Fortaleza. Orientador: Deisemer Gorczveski. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24967 Acesso em: 16 abr. 2024.

SILVA, K. de S.; ADAD, S. J. H. C. A rua é nossa: aprender em movimento para jovens skatistas do litoral do Piauí. **Cadernos do Aplicação**, v. 34, n. 1, 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111072 Acesso em: 16 ago. 2024.

SIMÃO, A. E. P. Ocupação e ressignificação do espaço público: inclusão do skate no jogo das cidades. **Polifonia: Revista Internacional da Academia Paulista de Direito**, nova série, n. 7, ed. especial, 2020. Disponível em: https://apd.org.br/wp-content/uploads/2021/04/15-TEXTO-12-POLIFONIA-7.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

TEIXEIRA, J. C.; DA SILVA, M. R. S. Skatistas "correndo pelo certo": normalização e produção de subjetividades na contemporaneidade. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 559-573, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/68891 Acesso em: 16 ago. 2024.

VELOZO, E. L.; DAOLIO, J. O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 62, p. 1-12, maio-ago. 2013. Disponível em: https://rieoei.org/historico/documentos/rie62a12.htm. Acesso em: 16 ago. 2024.

WEB OF SCIENCE GROUP. A P***esquisa no Brasil:*** Promovendo a excelência. Disponível em: https://propp.ufms.br/files/2019/09/Pesquisa-no-Brasil.pdf Acesso em: 16 ago. 2024.